

## Sabedoria e diversidade no Sítio Tabu

João Cabral da Silva vive em uma propriedade de um hectare na comunidade Sítio Tabu, no município de Santa Maria do Cambucá. Com ele residem e trabalham duas filhas, Maria Eduarda e Maria Aparecida, que têm suas casas na propriedade, e a esposa Maria da Paz da Conceição, de 74 anos, com quem vive há 40 anos. A história da família de Seu João e Dona Maria é de muita luta e companheirismo. Ao longo da maior parte de seus 77 anos, João trabalhou no corte e no



plântio de cana, ficando fora de casa por meses, sempre acompanhado da esposa e dos filhos pequenos. Ele conta que era um trabalho muito pesado, mal remunerado, e que ainda incluía a violência dos patrões e encarregados. Chegou a trabalhar até ficar doente. A família alternava as estações de trabalho na cana com as atividades na terra que ocupa até hoje. O sítio era propriedade de um Major, que vendia as terras aos pequenos produtores sem a documentação da propriedade. Em 1980, o INCRA desapropriou a terra e assentou os 250 posseiros, organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Cada um recebeu de 1 a 10 hectares, de acordo com o espaço que já ocupava.

A propriedade conquistada contava com cinco pés de caju, e a primeira atitude foi construir uma casa, que segue crescendo até hoje. Tudo pelas mãos de seu João, que se entusiasma ao mostrar suas ferramentas e o resultado do seu trabalho. Além da casa completa, há uma oficina, uma sala de costura, um grande galinheiro, um chiqueiro, e viveiros para coelhos e preás. A família é muito prevenida com água, estocando em vários recipientes, como tonéis e cisternas, além da cisterna-calçadão, com um sistema extenso de captação da água da chuva nas três casas da propriedade.



Nos arredores da casa e em toda a extensão da propriedade, cresce uma agrofloresta diversificada, com plantas medicinais, frutíferas, verduras e leguminosas, convivendo em harmonia. Tem fava, milho, feijão (pardo, mulatinho, preto e guandu), jerimum, melancia, laranja, goiaba, mamão de vários tipos, acerola, anador, couve, pimenta, e tantas outras plantas, sem falar nas ornamentais. Ali prevalece o respeito à natureza. Há quatro anos já não são feitas queimadas, e os venenos foram substituídos por defensivos naturais, a partir da orientação agroecológica do Centro Sabiá. O agricultor ressalta a importância dessa orientação, lembrando que ela não existia antes, e que percebe que outras famílias próximas ainda não têm acesso às informações para seguir esse caminho, mesmo recebendo tecnologias sociais de estocagem de água, por outros programas e instituições.



Os conhecimentos herdados dos pais, que também eram agricultores, são utilizados até hoje. O costume de guardar sementes e compartilhar com os vizinhos garante a qualidade para o plantio, e livra a família da necessidade de adquirir sementes comerciais. Até hoje, Seu João utiliza o moinho de pedra que herdou do pai para moer milho e preparar ração para os animais, ou mesmo o cuscuz da família. Este moinho o pai herdou do tataravô de Seu João.



A isso se somam os resultados da experiência adquirida em tantos anos de lida com a terra. Junto aos cajueiros, que já são mais de 100, são plantados pés de pitanga, em um consórcio que tem dado certo. Muito pouco da produção é comercializada. A maior parte é consumida pela família, ou distribuída a amigos e vizinhos. São grandes as festas de reunião de família, segundo Seu João e Dona Maria. Nisso, não há surpresa. Afinal, são cerca de trinta filhos espalhados pelo Brasil, contando com os que foram gerados em um casamento anterior do agricultor. E as visitas são bem recebidas. Em sua sabedoria, o trabalhador explica: “o pobre é irmão um do outro. O rico não é irmão do pobre”.

Realização

Apoio



Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

